

**Cartografia afetiva da Zona da Mata de Minas Gerais: a cidade de Rodeiro e sua relação com a história de Cataguases em *Inferno Provisório* de Luiz Ruffato**

*Affective cartography of the Zona da Mata of Minas Gerais: the city of Rodeiro and its relationship with the history of Cataguases in Luiz Ruffato's Inferno Provisório*

**Camila Galvão de Sousa**

Universidade Federal de Juiz de Fora  
<https://orcid.org/0000-0001-9772-6219>  
camigalvaos@gmail.com

**Humberto Fois-Braga**

Universidade Federal de Juiz de Fora  
<https://orcid.org/0000-0002-4179-2564>  
humfois@gmail.com

**RESUMO:** A partir da trajetória e das percepções de personagens descendentes pobres de imigrantes italianos que transitam entre Rodeiro (MG), arredores e Cataguases (MG), e pelas narrativas-capítulos de *Inferno Provisório* (2016), de Luiz Ruffato, o presente artigo objetiva analisar a representação cartográfica de um espaço agrário que impulsionou a emigração para a cidade devido às novidades e promessas de ascensão social. Para tanto, serão discutidas as categorias geográficas de paisagem e lugar, na perspectiva de Milton Santos (2004) e de Ana Fani Alessandri Carlos (2007), para buscar as imagens e significações da geografia literária do romance ruffatiano, como sugere Michel Collot (2012). Dessa forma, percebe-se que tais personagens contribuem para a construção literária da história da cidade de Cataguases e da região da Zona da Mata mineira, promovendo a visibilidade dessa região periférica do estado de Minas Gerais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Personagens; Geografia literária; Minas Gerais; Luiz Ruffato.

**ABSTRACT:** From the trajectory and perceptions of poor descendant characters of Italian immigrants who transit between Rodeiro (MG), surroundings and Cataguases (MG), and by Luiz Ruffato's *Inferno Provisório* narratives (2016), this cartographic objective article of an agricultural space that drives migration to the city due to news and promises of social ascension. To this end, they are discussed as categories of landscape and geographical place, from the perspective of Milton Santos (2004) and Ana Fani Alessandri Carlos (2007), seeking as images and meanings of the literary geography of romantic romance, such as Michel Collot (2012). Thus, realize that these characters contribute to the literary construction of the history of the city of Cataguases and the region of Zona da Mata Mineira, promoting the visibility of this peripheral region of the state of Minas Gerais.

**KEYWORDS:** Characters; Literary geography; Minas Gerais; Luiz Ruffato.

### A geografia literária ruffatiana

O estudo da representação do espaço nos textos literários, nas últimas décadas,

aponta a prática efetiva de uma “geografia literária”, como propõe Michel Collot (2012). Ainda que esteja subordinada a uma geografia mais referencial, cabe a discussão sobre como uma obra literária é capaz de transformar o território artisticamente representado para construir um espaço singular no âmbito do imaginário e da escrita, que não extrapole o texto literário e não possa ser ilustrado por nenhum mapa do mundo já conhecido. Nesse contexto, Collot destaca o conceito mais geral da categoria paisagem como não apenas “um recanto do mundo, mas uma certa imagem dele, elaborada a partir do ponto de vista de um sujeito, seja um artista ou um simples observador” (COLLOT, 2012, p. 24) e estabelece duas metodologias complementares para a prática de tais reflexões: a “geocrítica” e a “geopoética”. A geocrítica parte do pressuposto que a análise das representações literárias do espaço deve estar centrada no estudo da obra do escritor e não apenas em seu contexto referencial de produção: “trata-se de estudar menos os referentes ou as referências de que o texto se nutre e mais as imagens e significações que ele produz, não uma geografia real mas sim uma geografia mais ou menos imaginária” (COLLOT, 2012, p. 23). Por sua vez, a *geopoética* aproxima a representação do espaço e a forma literária ao propor “uma reflexão sobre os liames que unem a criação literária ao espaço” (COLLOT, 2012, p. 25). No âmbito da narrativa contemporânea, por exemplo, ainda segundo Collot, a descrição passa a ser um elemento importante através de um processo em que “personagens tendem a perder sua autonomia em proveito de uma presença invasora da paisagem, tornada elemento principal e não mais simples cenário” (COLLOT, 2012, p. 27).

Nessa perspectiva, o romance *Inferno Provisório*, do escritor contemporâneo Luiz Ruffato, publicado em 2016 pela Companhia das Letras, reúne, em aproximadamente quatrocentas páginas, trinta e oito narrativas-capítulos divididas em *Uma fábula* (prólogo), *O mundo inimigo*, *Vista parcial da noite*, *Um céu de adobe*, *Domingos sem Deus* e *Outra fábula* (epílogo), que podem ser lidas isoladamente, mas mantêm vínculos importantes que constituem um circuito de (des)afetos ao longo de toda a obra, seja para complementar ou contradizer informações, acompanhar a trajetória de personagens ou para focalizar aspectos sociais, a partir de um cenário recorrente, a cidade de Cataguases<sup>23</sup>, situada na Zona da Mata mineira. Além disso, *Inferno Provisório* segue

---

<sup>23</sup> É importante destacar que Cataguases, cidade natal de Ruffato, passou na transição do século XIX para

uma linha temporal, com avanços e recuos, que apresenta, como afirma Ruffato (2014), um contínuo processo de desenraizamento, que vai desde o êxodo rural de descendentes pobres de imigrantes italianos de Rodeiro<sup>24</sup> e arredores, entre as décadas de 1950 e 1960, perpassando pela formação de uma classe proletária na cidade de Cataguases e pelo desejo de ascender socialmente em grandes cidades, como São Paulo, até as gradativas mudanças comportamentais com a chegada do século XXI. Dessa forma, o autor estabelece a construção histórico-literária da cidade denominada Cataguases e sua conexão com outras cidades da Zona da Mata mineira a partir da percepção de personagens, de suas trajetórias e seus respectivos trânsitos por esses municípios que compõem o romance.

### **Rodeiro e suas paisagens**

Em sua coluna no *El-País*, Luiz Ruffato traz à baila a saga do imigrante no Brasil, com destaque para os que, na transição do século XIX para o XX, fugiram da miséria de Vêneto, no norte da Itália, em busca de melhores condições de vida na Zona da Mata mineira, no auge da produção cafeeira na região. No entanto, tal projeção econômica de Minas Gerais pouco durou, como ainda constata Ruffato, e o “empobrecimento empurrou as famílias imigrantes para a agricultura de subsistência, em terras pouco férteis e distantes dos centros consumidores” (RUFFATO, 2016b, sem paginação). Nesse contexto, idioma, hábitos alimentares, comportamentos e, inclusive, sobrenomes, foram gradativamente sendo suplantados na vã tentativa de tais imigrantes se sentirem pertencentes ao novo país.

A imigração é sempre a encenação de uma tragédia. Ao deixar o torrão-natal — e essa é uma decisão tomada quando já não resta nenhuma esperança —, somos obrigados a abandonar não apenas a língua materna, os costumes, as paisagens, mas, mais que tudo, os ossos dos entes queridos, ou seja, o signo que indica que pertencemos a um lugar, a uma família, que possuímos, enfim,

---

o XX pelos processos de urbanização, modernização e industrialização, que alteraram sua fisionomia. Além do estabelecimento de um polo industrial, a implantação de obras de pintura, escultura, arquitetura e paisagismo nas praças, prédios, monumentos públicos e residências particulares de diversos artistas como Oscar Niemeyer, Francisco Bologna, Burle Marx, Anísio Medeiros, Ceschiatti, Marcier etc. proporcionou uma repercussão para o município.

<sup>24</sup> Atualmente, o município de Rodeiro, importante polo moveleiro, está situado na microrregião geográfica de Ubá e na mesorregião da Zona da Mata e possui área de 72 km<sup>2</sup> e 6.867 habitantes, de acordo com o último Censo (2010). Limita-se ainda com os municípios de Astolfo Dutra, Dona Eusébia, Guidoal e Ubá e está cerca de 50km de distância de Cataguases.

um passado. Quando assentado em outras plagas, o imigrante tem que inventar-se a partir do nada, reinaugurando-se dia a dia, numa terrível luta contra a invisibilidade, numa incessante tentativa de não ser identificado como estrangeiro, forasteiro, estranho. Por isso, rara é a literatura (ficcional ou memorialística) a tratar da saga do imigrante no Brasil (seja de que nacionalidade for), e, quando existente, tende, na maior parte das vezes, a emular uma história edulcorada, como se, passando um verniz sobre as feridas, conseguíssemos estancar a dor causada pelo fato de não termos raízes (RUFFATO, 2016b, sem paginação).

“O que restou da presença italiana por ali?”, ainda indaga Ruffato (2016b, sem paginação). E seus personagens de *Inferno Provisório*, pertencentes às famílias Zoccoli, Bettio, Michelleto, Pretti, Beneventutti, Finneto e Spinelli, descendentes fictícios pobres de imigrantes italianos que vieram para a região da Zona da Mata mineira nas primeiras décadas do século XX<sup>25</sup>, ilustram que restam apenas fragmentos dessa desdita herança: seja através das orações de dona Paula para amenizar o estágio terminal de sua doença “que emergiam lá da infância, de novo frescas, Padre nostro che sei nei celli, sai santificato il tuo nome... Credo in Dio, Padre onnipotente, creatore del cielo e dela terra...” (RUFFATO, 2016, p. 308), ou ainda nas lembranças de dona Nica e de seu filho Carlos em busca de uma difícil reaproximação:

- Sabe que eu lembro direitinho da vovó, mãe?
- Lembra?
- Como se fosse hoje.
- Mas você era tão pequeno quando ela morreu...
- Nem tanto, mãe... eu tinha uns oito, nove anos... Quando ela acordava, passava um tempão penteando os cabelos para fazer um coque...
- Você lembra disso?
- E lembro também que ela só usava vestido escuro...
- Até onde vejo, desde sempre ela só usava roupa escura...
- Ela não falava nada de português, mãe?
- Nada, coitada... Nunca aprendeu... Nem uma palavra...
- A senhora sabe italiano?
- Ih, já esqueci...
- Mas a senhora sabia?
- Em criança...
- Não lembra mais nada?
- Só a reza...
- A reza a senhora lembra?
- Lembro... O, Dio, Padre buono e misericordioso...
- Coitada da vovó... Do quê que ela morreu?
- Solidão.
- Solidão? Ninguém morre de solidão, mãe...

<sup>25</sup> No presente artigo, a edição de 2016 da Companhia das Letras será nosso objeto de estudo. Apesar de ter passado por modificações significativas, esse núcleo de personagens já protagonizava, principalmente, as narrativas de *Mamma, son tanto felice*, primeiro volume de *Inferno Provisório* publicado em 2005 pela Editora Record, título que, aliás, não consta mais na atual versão. As narrativas desse volume eram respectivamente: *Uma fábula*, *Sulfato de morfina*, *Aquário*, *A expiação*, *O alemão e a puria* e *O segredo*.

– Ela morreu, Depois que venderam o resto da fazenda, ela ficou pulando de casa em casa. Até com a gente passou um ano... Mas não conseguia conversar com as pessoas. Ninguém mais sabia italiano. Os filhos não tinham paciência de puxar pela memória... Os netos remedavam ela... Ficava tempos sem abrir a boca... Até que começou a secar, secar... Um dia acharam ela murchinha, de bruços, na cama... (RUFFATO, 2016, p. 260-261)

Nessas passagens, percebe-se como os imigrantes italianos constituíam uma referência dos seus lares europeus a partir da língua materna e da reza patriarcal do *Pai Nosso*, ou seja, nessas orações em italiano, eles erigiam uma memória afetiva de suas terras abandonadas. Mais do que isso, a passagem ilustra a própria questão geracional a partir de uma linhagem feminina: a avó que reza, a mãe que esquece e o neto/filho que recupera traços da memória familiar.

E assim Luiz Ruffato foge do senso comum ao narrar a recepção nada acolhedora desses imigrantes que parecem, como os demais personagens, naufragar na nau sugerida pelos versos de Jorge de Lima na epígrafe do romance<sup>26</sup>. Porém, esse aparente naufrágio não ocorreria somente no movimento transatlântico do velho para o novo mundo, pois, mesmo na região mineira onde se estabeleceram, a deriva entre municípios também representa esse oscilar entre terras estrangeiras que não acolhem efetiva e muito menos afetivamente tais imigrantes. E esses trânsitos constantes de tais personagens (descendentes de) imigrantes entre Rodeiro, arredores e Cataguases, oportunizam a evocação de paisagens de lugares de afeto italianos que resistem nostalgicamente na memória, sendo acionadas a partir de cheiros, imagens, barulhos, gostos e sensações, caracterizando uma representação cartográfica mais afetiva, que contribui para a construção literária da história da cidade de Cataguases e da região da Zona da Mata mineira no âmbito do romance *Inferno Provisório*<sup>27</sup>.

A Zona da Mata mineira passa a ser lida a partir de referências italianas, constituindo camadas de diálogo e tensão entre a natureza concreta e bruta do cotidiano brasileiro e aquela romantizada que agora só existe enquanto memória de um país deixado para trás. Ao entender a paisagem como certa imagem de um recanto do mundo captada

---

<sup>26</sup> “Também há as naus que não chegam/ mesmo sem ter naufragado:/ não porque nunca tivessem/ quem as guiasse no mar/ ou não tivessem velame/ ou leme ou âncora ou vento/ ou porque se embebedassem/ ou rotas se despregassem,/ mas simplesmente porque/ já estavam podres no tronco/ da árvore de que as tiraram” (Jorge de Lima).

<sup>27</sup> Rodeiro e seus arredores são mencionados mais especificamente em quatorze narrativas. São elas, respectivamente: *Uma fábula*, *O alemão e a puria*, *A danação*, *O barco*, *O segredo*, *Cicatrizes*, *A expiação*, *Era uma vez*, *Aquário*, *Mirim*, *Trens*, *Sulfato de morfina*, *Milagres* e *Outra fábula*.

de forma simultânea a partir de um determinado ponto de vista, Collot (2012) destaca sua contribuição para uma leitura do espaço literário como parte integrante da trama e não apenas um pano de fundo, que, inclusive, não é apenas descrita, pois, como afirma em entrevista, as paisagens “podem ser simplesmente evocadas; e não são somente visuais: elas comportam uma parte de imaginário e solicitam outros sentidos além da visão. Longe de permanecer estática, a paisagem participa frequentemente da ação e da expressão dos sentimentos e das emoções” do autor e/ou de seus personagens (ALMEIDA, 2014, p. 457). Essa discussão de Collot reforça o conceito de espaço geográfico de Milton Santos (2004) como híbrido, provisório e constantemente renovado<sup>28</sup>, sendo que entre seus desdobramentos em categorias geográficas, a paisagem, muitas vezes considerada equivocadamente como sinônimo de espaço, seria a impressão a partir de uma “porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão”, com suas cores, movimentos, odores e sons, capaz de exprimir “as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”, como ainda esclarece Milton Santos (2004, p. 103). Esse seu caráter de palimpsesto garante, portanto, que a “memória viva de um passado já morto” sempre coexista no momento atual (SANTOS, 2004, p. 106).

Há, portanto, uma imbricação entre as categorias de paisagem e de lugar, já que é através da evocação da paisagem que é possível identificar-se com o lugar, entendido aqui como espaço vivido. De acordo com Ana Fani Alessandri Carlos (2007, p. 17), o lugar é “o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo”, pois é “através dele [do corpo] que o homem habita e se apropria do espaço” e pode, portanto, proporcionar sentimentos topofílicos, que, conforme define Tuan (1980, p. 107), são “os sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar vida”. E, além disso, essa categoria também colabora para a construção da história de um determinado local, que é estabelecida a partir do cotidiano das pessoas, no uso efetivo do espaço. “É preciso levar em conta que a história tem uma dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, no modo de vida, no relacionamento com o outro, entre estes e o lugar, no uso”, constata Carlos (2007, p. 20) a partir das seguintes afirmações:

---

<sup>28</sup> Essas questões, de acordo com Milton Santos (2004), são justificadas pela relação entre natureza e sociedade e, por isso, é preciso extrapolar os elementos e atributos naturais para entender as interações sociais nele existentes, como também as interferências socioeconômicas e políticas.

a história local é a história da particularidade embora ela se determine pelos componentes universais da história. Isto é, embora na escala local raramente sejam visíveis as formas e conteúdos dos grandes processos históricos, ele ganha sentido por meio deles quase sempre ocultos e invisíveis [...] é no âmbito do local que a história é vivida e é onde pois tem sentido. (MARTINS, 1993 *apud* CARLOS, 2007, p. 20)

Com base nessa discussão, a cartografia de Rodeiro e arredores começa a ser traçada, em *Inferno Provisório*, logo no prólogo *Uma fábula* com a descrição de um espaço ainda não explorado, nem civilizado, que foi escolhido pelo personagem Micheletto para empreender casa e família. As primeiras ações de Micheletto para tornar esse local habitável são descritas através de um processo braçal, lento e solitário que, como sugere o título da narrativa, animaliza tal personagem:

Desdobrou a família, entre machados e queimadas, arados e enxadas, no fundo do fundo de uma barroca enquistada meio caminho de Rodeiro para a serra da Onça, por detrás, cruzando enviesado pelas Três Vendas, pouco mais ou menos coleando as águas nervosas do rio Xopotó, uma grota adquirida com o sol montado nas costas, nos encabritados cafezais do Piau, solto no mundo, desmamado de pai e mãe, enfezado na empreita da limpa das ruas até a panha dos grãos maduros, para depois, orgulhoso, nota sobre nota, escriturar aquele mataréu vassalo de bestas selvagens, uma imundície de jaguatiricas e jaracuçus gordas como braço de homem-teba, veados-mateiros e cachorros-do-mato, sapos-cururu e tatus-galinhas, macacos-prego e lobos-guará. Estreou derribando árvores e alastrando fogo nos tocos, puxando água de uma mina com engenharias de bambus-gigantes, marretando pedras para soldar as bases do corpo da casa seis-cômodos paredes na amarração de caibros e cumeeiras, recobriu o teto, tijolos e telha-cumbuca trazidos em lombo de burro da olaria do Antônio Spinelli para industrializar aqueles fins de tudo. E, presidiário de sua obsessão, comeu sete meses de sua vida na ampla solidão do paraíso”. (RUFFATO, 2016, p.17-18)

Com reminiscências de um processo de colonização ou mesmo das expedições de bandeirantes que adentraram pelas regiões das gerais, o imigrante italiano busca domar e civilizar a natureza selvagem da Zona da Mata. Há, assim, um processo de domesticação da terra selvagem e inóspita, tornando-a habitável e produtiva. Através de seu intenso trabalho, como descrito nesse fragmento, a paisagem é renovada e torna-se pelo menos aparentemente mais bucólica, harmônica e racionalmente ocupada, com a presença de “pastos, de guzerá e gir; pomar de limas, limões, tanjos, laranjas, sidras e mexericas; roças de fumo, milho, café, cana, arroz; abacate, manga, jaca; frangos, patos; cachorros, gatos, horta” (RUFFATO, 2016, p. 18). No entanto, mesmo construindo um novo território, caracterizado pela apropriação, posse e cuidado, a descrição e a conduta de Micheletto ao longo da narrativa estão mais próximas daquela paisagem selvagem e primitiva e,

inclusive, autodestroem, de forma metafórica, tal espaço, intensificando o processo de animalização do personagem. Em outros termos: se o personagem domestica a paisagem, esse processo não ocorre de maneira impune, pois ele mesmo se torna brutalizado e animalizado pelo ambiente onde vive.

Primeiro, porque a caracterização de Micheletto como um bicho, muito alto, calado e esquisito, é reforçada através do processo de escolha de uma esposa “boa parideira” nos arredores, como também da condução de seu casamento. De acordo com Micheletto, Chiara Bettio era “inapetente para gerar filhos homens ou, parindo-os, para administrá-los vivos” (RUFFATO, 2016, p. 19), o que causa revolta no personagem já que precisava de filhos homens e saudáveis para a lida na roça. Segundo, porque tratava os treze filhos do casal a base de “porrete, corrião, vara de marmelo, bambu, relho, chicote, cacumbu” (RUFFATO, 2016, p. 21), diferentemente de sua postura e empenho na condução das criações e da lavoura, que mereciam sua dedicação pelo retorno material que lhe davam. A filha mais velha, para citar um cruel exemplo, foi brutalmente assassinada pelo próprio Micheletto que, como diz o ditado popular, fez justiça com as próprias mãos ao saber de seu envolvimento com um caixeiro viajante, o que contribuiu para a caracterização de uma espécie de universo paralelo com regras e leis próprias, sem intervenção e controle efetivos do Estado. “Façam uma cova bem funda pros bichos não comerem, é carne minha, e botem uma cruzinha em cima” (RUFFATO, 2016, p. 20), ordenou tentando aliviar o peso de sua consciência. Embora Micheletto tenha construído um lugar para constituir família, não priorizava a constituição efetiva de um lar, focando seus esforços na domesticação da terra.

Mesmo com a renovação e, de certa maneira, *italianização* do espaço ilustrada pela trajetória de Micheletto, não há possibilidade de uma construção de laços afetivos familiares, o que impulsiona outros desejos na nova geração de personagens descendentes de imigrantes. André, filho caçula de Micheletto, aponta o desejo de escapar da rotina rural, deslumbrado pelas ainda distantes novidades do progresso e da cidade, talvez como já desejava sua irmã mais velha ao desafiar as normas do pai ao querer fugir com um caixeiro-viajante. Há, na trajetória de André, um paradoxo, pois ele mantinha “pé direito na igreja, esquerdo no botequim” (RUFFATO, 2016, p. 22). Embora marcada por momentos de lazer, em jogatinas, arrasta-pés e visitas às irmãs aos fins de semana, a



rotina do trabalho no campo passa a ser monótona assim como a caracterização espacial. Ele ainda assim consegue adquirir bens de consumo, como a bicicleta de marca alemã “Göricke”, que já simboliza a chegada do progresso. O personagem desejava mesmo “encorajar-se, aventurar em Ubá<sup>29</sup>, dizem que cidade grande, de amplas modernidades, espiava o ônibus resfolegante na praça, Cataguases-Ubá”, mas não extrapola a vontade expressa no plano do discurso e sempre “catapultava a viagem para data mais distante” (RUFFATO, 2016, p. 22).

Essa fusão entre a paisagem e os sentimentos de personagens, que impulsiona o desejo de escape, é intensificada pela trajetória de outros personagens, pois, diferentemente de André Micheletto, materializam a transição da rotina rural para a cidade de Cataguases. Em *O alemão e a puria*, Donato Spinelli, por exemplo, concretiza o escape devido ao casamento com Dusanjos, afinal, ambos compartilhavam as mesmas perspectivas. Embora o pai tivesse medo de que Donato conhecesse novas pessoas e novos lugares e, conseqüentemente, desejasse abandonar o trabalho da roça, autorizou sua ida ao baile no Diamante<sup>30</sup> com o primo Tide. Enquanto os mais velhos ainda permanecem presos aos valores do campo, os filhos ficam encantados com a novidade do progresso, mesmo que este não ofereça uma mudança significativa na qualidade de vida de todos. Nesse baile é que conhece Dusanjos e a partir de então passa pela transição gradativa rumo ao casamento e à casa alugada no Beco do Zé Pinto<sup>31</sup>: “Dia seguinte, tomaram o ônibus para Cataguases, esperança de emprego e vida melhor. Ela levava um litro de banha de porco. Ele, a promessa de um dia herdar um pedaço da fazendola do pai, terra vassala de voçorocas e cupins” (RUFFATO, 2016, p. 61). Essa descrição já indica a derrocada do pequeno agricultor no campo, frente à modernização.

Além disso, a trajetória de Donato e Dusanjos em Cataguases revela que, ainda que a mudança de espaço tenha se efetivado, a vida do casal permanece precária porque precisam se conformar “com os restos – as favelas, a periferia, os bairros decadentes, os prédios em ruínas”, pois, mesmo em uma cidade fora do eixo Rio-São Paulo, “o trânsito

---

<sup>29</sup> Outra cidade da Zona da Mata de Minas Gerais.

<sup>30</sup> Distrito de Ubá.

<sup>31</sup> O Beco do Zé Pinto é um espaço recorrente nas narrativas de *Inferno Provisório*, principalmente porque seu proprietário oferecia, além de moradia, condições materiais em diferentes níveis para subsistência de seus inquilinos em busca de ascensão social, preenchendo, dessa forma, lacunas de instituições sociais fundamentais.

em determinados lugares e ruas lhes é vetado, como se houvesse placas, visíveis apenas para elas, dizendo ‘não entre’” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 120). Dusanjos, com o sumiço de seu marido, evoca as paisagens do passado na roça ao observar os sons do Beco à noite e constata a mesma sensação de abandono, pois a tão almejada cidade lhe parece cada vez mais distante: “ouvira o cricri dos grilos, o coaxar dos sapos, o barulho das corredeiras, e de novo era a menina-moça deitada no colchão de pena a sonhar com outra vida, longe da lavoura que detestava, que engrossava suas mãos pretas de enrolar fumo” (RUFFATO, 2016, p. 61). Vale destacar ainda que os deslocamentos de personagens femininos de Rodeiro, filhas de imigrantes italianos, a Cataguases, acontecem, no âmbito do romance, apenas motivados pelo casamento; enquanto os deslocamentos masculinos são motivados principalmente pelo trabalho, o que reitera as “barreiras simbólicas [que] determinam o lugar de cada um”, como destaca Dalcastagnè (2012, p. 14) ao estudar o lugar de determinados arquétipos de personagens na literatura brasileira contemporânea. A rua é ainda destinada aos homens e o espaço privado às mulheres, enclausuradas e confinadas na esfera doméstica, denunciando, assim, a desigualdade social e a naturalização do discurso dominante ainda presentes nos dias atuais.

Outro personagem que resgata o passado é o Zito Pereira, em *A danação*, cuja rotina e composição familiar na serra da Onça, nos arredores de Rodeiro, é bem próxima a de Micheletto, pois “ajudava o pai na manutenção da feira de filhos, um a cada ano, metade anjinhos enterrados no quintal, metade doentinhos que teimavam em falar, comer... Quando completou dez, onze anos, a roça de milho e fumo, que tocavam à-meia, desandou, empurrando-o para longe das asas da mãe” (RUFFATO, 2016, p. 66). Entretanto, Zito Pereira é obrigado a deixar a família devido à efetiva decadência da roça de seu pai. Porém, ele ultrapassa o trajeto entre Rodeiro e Cataguases ao buscar melhores condições de vida em São Paulo. Após inúmeros fracassos, inclusive na capital paulista, que contrariaram suas expectativas, ele se estabelece em Cataguases, mas as frustrações permanecem. Desempregado e com muitos filhos para criar, reflete com angústia devido à impossibilidade de retorno ao passado: “e se eu tivesse permanecido lá na serra da Onça?” (RUFFATO, 2016, p. 67). Curiosamente, em seu caso, fazer o caminho de volta e confessar o fracasso em sua imigração para São Paulo não significa um retorno a sua

terra-natal, Rodeiro, mas, sim, fixar-se em Cataguases – o meio do caminho, a negociação entre a roça e a capital, o centro urbano estruturante de um eixo-gravitacional para as pequenas cidades e distritos de seu entorno.

O personagem conhecido por Professor, de *O segredo*, apesar de também manter as origens em Rodeiro e escapar da vida humilde na roça para obter conforto e estudar no seminário católico em Leopoldina, destoa dos demais personagens pois não apenas relembra a época da infância como também decide espontaneamente retornar às suas origens. Sobre sua genealogia, destaca saudoso o avô, que era “um homem enorme, um Pretti bruto que até morte nas costas carregava... Diziam... Não o conheci... Minha avó, uma bruga pega no laço lá pelos lados da serra da Onça... Não sei... Histórias... Eles viviam numa fazenda pequena, na Bagagem, perto de Rodeiro” e a época em que “plantávamos milho, fumo, arroz, cuidávamos de uma horta. No pasto, umas vaquinhas leiteiras... um boi sonso... No quintal, à solta, galinha, porco, pato...” (RUFFATO, 2016, p. 119). Essas memorações permitem que o Professor, caracterizado como leitor, poeta e erudito, também filósofo: “Éramos tão inocentes... Tão ignorantes... Tão... felizes... Ah!, os tempos felizes da nossa miséria... (RUFFATO, 2016, p. 120). O ato de retornar ao berço, à terra natal, como se estivesse indo ao reencontro de uma infância perdida e bem-aventurada, no final, também se demonstra como idealizado pela distância tempo-espacial que construiu entre si e Rodeiro, posto que se realmente tivesse sido feliz não teria empreendido a partida há anos.

Talvez pela condição financeira mais favorável se comparado aos demais personagens, o Professor efetiva o retorno à casa da família na vã tentativa de resgatar o passado, do qual só restam “ruínas... apenas ruínas...” (RUFFATO, 2016, p. 135). O tom dramático da narrativa já havia sido anunciado logo no início com uma música que “irrompe soberana”, um “raio que assusta a noite”, um trovão que explode e a “algazarra da tempestade” (RUFFATO, 2016, p. 114), como também pela personalidade obsessiva e metódica do personagem. No fragmento a seguir, há uma descrição panorâmica do lugar em que o Professor passou a infância, em que o presente e o passado se entrelaçam: de um lado, o conforto, a solidão e o abandono na cidade; do outro, a pobreza, a família e a leveza da vida idealizada na roça:

O Professor apeou do ônibus numa encruzilhada do caminho que liga Rodeiro a Guidoal, olhou para um lado e outro, atravessou a estrada de chão, rumo à

Bagagem [...]. Avançava devagar, encantado com aquelas paragens, quantos anos não punha os pés no poeirão amarelo, que virava um visgo só, um massapê escorregadio, quando irrompia a chuva! [...] Lá longe, uma casinha de sapé, fechada, abandonada, *Ninguém mais quer ficar na roça, a moda agora é cidade*; outra, suspensa no despenhadeiro, paredes arriadas, destelhada, a cruz envolvida numa massa disforme, um dia papel-crepom colorido, ainda agarrada à porta agora desnecessária... Andar, andar, andar, perder-se nas entranhas das serras, nos grotões, deixar ao acaso a escolha de uma vereda que o empurre cada vez mais distante... À beira do caminho, as choças iam ficando para trás, ali morava o Orlando Spinelli; lá, a fazenda dos Bettio; acolá, os Finetto; na virada do morro, os Benevenuti... Alá!, os meninos roçando o pasto, colhendo milho, cavucando buraco atrás de tatu, de lagarto... Alá!, os meninos cascando laranja, correndo atrás de charrete, candeando junta de boi, sempre camisas xadrezes cerzidas, pés escalavrados, chapéus enfiados na cabeça ô, ô, ô, ô, cumprimenta o passante, Tarde!, Tarde!, E a comadre?, Vai benzinho, como a Deus é servido! Quer entrar não?, tomar um cafezinho? (RUFFATO, 2016, p. 122, grifos do autor)

Esse difícil retorno ao passado, que talvez nunca tenha existido da forma descrita com base na perspectiva do presente, é ilustrado por diversos obstáculos e desgastes físicos que o Professor percorre até chegar à casa de seus pais e contrariam os flashes presentes na descrição anterior, já que “quando retornamos à cena de nossa infância, não somente a paisagem mudou mas também a maneira como nós a vemos” (TUAN, 1980, p. 12). Se o retorno físico é possível, o afetivo que restaura laços desfeitos demonstra ser impossível. Mas é nesse momento também que o personagem tem o nome revelado ao leitor: Francisco Pretti, ou apenas Chico, como era chamado pelos pais.

Lonjuras, tudo vazio, cresce a capoeira, o matagal engole as glebas, sufoca as árvores, o carro de boi sem roda apodrece debaixo da cumeeira do que um dia foi rancho de curar fumo, vozes, o vento boia um lamento, e a palma dos pés como que lê antigas pegadas, vence a noite assoberbada, o breu pespega os olhos, o pio da coruja, *Bicho ordinário! Tem uma tronqueira ali*, desincumbe-se do arame farpado, a casa deve de estar, escorrega para dentro de uma voçoroca, apruma, engolfa de novo, o corpo desequilibra, rola valeta abaixo, lanho no braço, arranhão na perna, *O que estou fazendo aqui, meu deus?*, rasgo no paletó, some um pé de sapato, senta num tufo, desconsolado, vontade enorme de, *O quê que eu vim fazer aqui, meu deus?* Fecha os olhos... Abre os olhos, a casa! A sua casa! Luzes anêmicas, fumaça na chaminé, *Tem gente!* (RUFFATO, 2016, p. 122-123, grifos do autor)

Essa descrição intensifica a distância que separa o personagem de suas origens. Ao reencontrar o pai e a mãe, o Professor, na impossibilidade de ser novamente Chico, começa a constatar a quebra dos laços afetivos com a família. O reencontro com os demais parentes acontece somente no enterro de sua mãe e a mesma sensação permanece, pois eram “todos estranhos agora” (RUFFATO, 2016, p. 135). Mas, não compareceu ao enterro do pai, mesmo tendo o acompanhado nos últimos dias de vida para obter

inutilmente respostas sobre o distanciamento entre eles: “temeroso de enfrentá-lo, ainda que defunto. Não tinha vergonha, nem raiva... Era mágoa que sentia... Compreendi então que encontravam-se desfeitos os laços da família. Meus irmãos, que chafurdavam na pobreza e na ignorância, me consideravam um privilegiado” (RUFFATO, 2016, p. 135). Além de ter se distanciado dos familiares, o Professor carregava culpa por diversas outras questões, como a desistência da carreira eclesiástica, a morte de sua empregada D. Conceição e de, talvez, um assédio, que apenas é sugerido na narrativa, e passa a delirar constantemente para esquecer as ruínas que restam de seu passado, desejo este compartilhado por outros personagens de *Inferno Provisório*, descendentes de imigrantes ou não.

Assim como Professor, Mirim, na narrativa que leva sua alcunha, ao ser diagnosticado com uma grave doença e, por isso, aposentar-se, se vê obrigado a não mais adiar o retorno, como fez durante anos e anos de trabalho em São Paulo. Em Rodeiro, constata a região mais próspera devido às fábricas de móveis e não se sente mais pertencente ao lugar de sua infância: “Quede o cheiro de mijo e bosta de cavalo que empestava as manhãs? Quede a venda? A loja do Turco? A máquina de arroz? Rostos indiferentes” (RUFFATO, 2016, p. 288). Apesar de não ter a mesma coragem de Mirim para retornar a Rodeiro, Cabeludo, após trinta anos de sua fuga, descobre que “cresceu muito a cidade... hoje, um próspero centro moveleiro... irreconhecível...” (RUFFATO, 2016, p. 339), e, por isso, revisita em pensamento a Rodeiro do passado que “emergia à sua frente, a igreja de São Sebastião, o coreto, o jardim, os saguis saltando nas árvores, as charretes, o cheiro de mijo e bosta de cavalo, os boiões de leite, a poeirama amarela, o canto melancólico dos carros de boi, as caras vermelhas da italianada...” (RUFFATO, 2016, p. 338).

As últimas referências ao município de Rodeiro no romance retratam, portanto, uma nova mudança na paisagem devido à transição da economia agrária para a industrial, embora a precariedade permaneça em diversos níveis na caracterização dos personagens. Ao final, em *Outra fábula*, ocorre a derradeira implosão do mundo erguido por Micheletto na primeira narrativa através da coexistência desarmônica do passado rural e da periferia decadente, ilustrada pela “vida medíocre” de Luís Augusto no ano de 2002, que garante o caráter cíclico e o processo desenraizamento do romance, que, mesmo sendo provisório,

se perpetua, independentemente do tempo ou do espaço: “Meu filho, é da roça para Cataguases e de Cataguases para São Paulo, São Paulo, sim, é um mundo, repetia” seu pai (RUFFATO, 2016, p. 397). As perspectivas dos personagens aqui apresentados revelam a construção da história de um espaço precário, seja agrário ou urbano, pelo fato de não possibilitar a existência efetiva de uma comunidade, pelo contrário, pois empurra-os para a desintegração no sentido de afastarem-se de familiares e amigos, a caminho de melhores condições de vida, mas que resulta sempre em solidão e algumas vezes em um retorno impossível de ser redentor.

Nesse sentido, se os imigrantes italianos domesticaram a natureza e instalaram-se para constituir família, seus filhos, a primeira geração de brasileiros e mineiros da Zona da Mata, empreendem uma segunda jornada que, não diferente da de seus pais, tende a naufragar: agora, saindo de Rodeiro e indo para Cataguases, Ubá ou mesmo São Paulo em busca de emprego e melhores condições de vida. No final, só conseguem sobreviver na decepção do sonho não alcançado e de um retorno impossível à casa, porque, mesmo se fisicamente empreendem um *nóstos* (uma jornada de retorno), não mais reconhecem o lar que abandonaram. De certo modo, todos estão fracassando ao tentarem ir mais distante do que seus progenitores: “é como se o essencial no êxito fosse chegar mais longe que o pai, e querer superá-lo ainda fosse interdito” (FREUD, 2010 [1936], p. 448).

### **Ruínas: considerações finais**

A cartografia afetiva de Rodeiro e arredores, desenhada ao longo das narrativas de *Inferno Provisório*, a partir da trajetória, do trânsito – ainda que limitado – e das percepções de personagens pobres descendentes de imigrantes italianos que vieram para a região da Zona da Mata mineira nas primeiras décadas do século XX, permite acompanhar desde a construção de um espaço agrário até sua derrocada, que, inclusive, expulsa literalmente tais personagens para a cidade de Cataguases em busca de uma estabilidade que extrapola o âmbito material. Repercutindo uma questão de deslocamentos geracionais, Micheletto, em *Uma fábula*, constrói e, ao mesmo tempo, autodestrói um território que não permite a materialização de um lar; por sua vez, seu filho, André, já aponta o desejo de escapar da rotina rural, mas permanece no plano do

discurso. Em contrapartida, Donato e Zito Pereira, por exemplo, efetivam a mudança para Cataguases, em busca de condições melhores de subsistência, que, aliás, não são alcançadas. Há, de forma recorrente, o desejo de voltar ao passado, à infância em Rodeiro e arredores, concretizado de forma traumática pelo Professor. Ao longo do romance, outros personagens recuperam, de forma mais rápida, as paisagens de seu lugar de origem, mas que ainda assim influenciam na caracterização e na trajetória deles.

Dessa forma, através das diferentes formas de ver, viver e sentir as paisagens e os laços de seu lugar de origem, do qual só restam ruínas, os personagens que transitam por Rodeiro, arredores e Cataguases, como também pelas narrativas de *Inferno Provisório*, compartilham das mesmas perspectivas, do mesmo desejo e também do mesmo destino, pois “já estavam podres no tronco<sup>32</sup> da árvore de que as tiraram”, como sugere Jorge de Lima em epígrafe ao romance, e, sem dúvidas, contribuem para a construção literária da história da cidade de Cataguases e da região da Zona da Mata mineira que, ainda que fora do eixo Rio-São Paulo, é marcada por diferentes perspectivas igualmente problematizantes e precárias, não só em *Inferno Provisório* mas, de forma mais ampla, no projeto literário de Luiz Ruffato.

**Submissão: fevereiro de 2021**

**Aceite: abril de 2021**

---

<sup>32</sup> E o termo tronco é bastante emblemático para representar a questão de uma árvore genealógica e a repetição de um *modus operandis* no que tange aos deslocamentos geracionais de pais, filhos e netos – sempre imigrantes movidos pelo desejo de encontrar um lugar onde possam criar raízes e efetivar como lar.

## Referências:

- ALMEIDA, Danielle Grace de. Entrevista: Michel Collot. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, jul./dez. 2014 Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2014000200454](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2014000200454). Acesso em: 15 set. 2020.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.
- COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. *Gragoatá*, Niterói, n. 33, p. 17-31, 2. sem. 2012. Disponível em <http://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33006/18993>. Acesso em 15 set. 2020.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte, 2012.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- RUFFATO, Luiz. *Mamma, son tanto felice*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- RUFFATO, Luiz. Luiz Ruffato mescla realidade e ficção em seu novo livro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 jun. 2014. Disponível em <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,luiz-ruffato-mescla-realidade-e-ficcao-em-seu-novo-livro,1511553>> Acesso em 05 ago. 2020.
- RUFFATO, Luiz. *Inferno provisório*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- RUFFATO, Luiz. Os italianos invisíveis de Minas Gerais. *El País*, Brasil, 13 jan. 2016b. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/13/opinion/1452701029\\_579409.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/13/opinion/1452701029_579409.html)  
Acesso em 25 jul. 2020.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.